

MUDANÇAS NO TRATAMENTO COM OS ANIMAIS

A convivência dos humanos com muitas outras espécies varia de acordo com a época e o lugar: o escritor Prudêncio Rocha registrou que, em Cruz Alta, “Ao redor de 1850, fazia-se a matança de cães a tiros. A Câmara pagava o chumbo e a pólvora, aos fiscais. Era um espetáculo desconcertante quando os agentes do município, perseguiam a cainçalha que vagueava pelas ruas poeirentas da povoação, disparando as espingardas fumegantes, invadindo terrenos e charnecas, para dar cumprimento a um dos mais primários dispositivos das posturas municipais”.

Naquela época a hidrofobia ou raiva era uma doença grave, que assustava a população, pois podia ser transmitida pela mordida de um cão contaminado, como noticiou em Ijuí o jornal Correio Serrano de 1924: “Segunda-feira, apareceu na villa um cão hydrophobo, mordendo a diversos outros. Diversas pessoas raspam grande susto, sendo que uma dellas teve a infelicidade de ser mordida, que foi o sr. Alberto Samrsla, barbeiro, estabelecido a rua do Commercio, que transitava pela mesma rua, quando foi agredido pelo animal, que produziu-lhe um ferimento em uma perna. O sr. Samrsla seguiu hontem para Porto Alegre, onde foi submeter-se em tratamento no Instituto Pasteur” (Acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana).

As doenças que podem ser transmitidas dos animais para os humanos e também das pessoas para os animais, são chamadas de zoonoses. Os centros de controle de zoonoses, que diversas prefeituras criaram, visavam recolher das ruas os animais contaminados por doenças - especificamente cachorros infectados pela raiva - e exterminá-los.

Contudo, as campanhas de vacinação dos animais domésticos e de rua fizeram da raiva uma doença controlada no Brasil. Por isso, um dos principais motivos para o recolhimento e a matança de cães nos centros de controle de zoonoses tornou-se insignificante.

Além de uma considerável quantidade de animais de estimação, que convivem com as pessoas nas residências ou em seus pátios, o que ainda existe é um número de cães abandonados que andam pelas ruas a procura de alimento e de abrigo, resultado da irresponsabilidade ou da extrema pobreza de seus donos, evidenciando que o problema é maior, é socioambiental e público.

A solução, embora difícil, pode ser muito diferente do simples extermínio: a sensibilização e educação da população, o recolhimento e atendimento de cães e gatos de rua, a castração e a vacinação dos animais recolhidos - diminuindo, em médio prazo, a sua quantidade - e campanhas de adoção e posse responsável, criadas geralmente por associações de pessoas sensíveis ao problema, que carecem de apoio. É possível ver também grupos de moradores que alimentam e cuidam de animais que vivem na sua rua.

Por tudo isso, podemos acreditar que existe uma lenta e importante mudança nas atitudes das pessoas para com os animais, especialmente aqueles indesejados e abandonados. As idéias, os comportamentos, as atitudes das pessoas estão mudando, inclusive contra a crueldade com os animais, que vai da falta de comida, água e espaço até o espancamento. Isso não acontece naturalmente, mas é movido por novas idéias, contextos, pressões e conflitos.